

Resenha de livro

FREUND, Philip. **Mitos da Criação: As origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência.** São Paulo: Cultrix, 2008. 248p.

Marcel Henrique Rodrigues¹

O presente livro é uma importante obra que contém um amplo e inteligente estudo sobre os mitos da criação. Os mitos abordados no livro encontram-se em diversas culturas do mundo. Freund - escritor e cientista norte americano - apresenta um fino ensaio sobre as similaridades existentes entre as diversas e distintas mitologias espalhadas em diferentes culturas da humanidade.

Nas primeiras páginas o autor explica curiosas similaridades verificadas entre mitos e, conseqüentemente, os símbolos deles derivados, apontando para a existência de um possível inconsciente coletivo existente em todos os homens e em todas as culturas. Desta forma, as similaridades dos temas mitológicos estariam, acima de tudo, vinculadas à própria psique humana. Para ilustrar, Freund traz alguns exemplos míticos que, segundo ele, são universais - como o mito das grandes catástrofes seguidas pela criação do universo, presentes em culturas como a dos gregos, dos índios norte americanos e dos babilônios. Outro tema peculiar dos mitos é o chamado “roubo do fogo”, também universal, verificado até entre os povos maoris da Nova Zelândia, onde é dito que o herói Maui roubou o fogo do poderoso gigante Mahu-ika, espalhando-o para toda a humanidade. O mesmo tema é partilhado pelos índios Tuleyomes da Califórnia, que acreditam que Wekmek, o falcão, roubou o fogo, mas o deixou cair de suas asas durante o voo. E, por fim, a mais famosa destas narrativas, o mito grego de Prometeu que, após roubar o fogo dos deuses, foi condenado a ser acorrentado e atacado por uma ave que devoraria seu fígado para sempre.

Freund pretende, com a explanação destes mitos, ilustrar a similaridade dos temas míticos presente em diversos povos geograficamente separados e distantes um dos outros. O autor prossegue indicando as “igualdades mitológicas”: Dentro das narrativas míticas pode-se observar que o mito do dilúvio (acredita-se que existam mais de 500 narrativas concernentes, espalhadas por todo o planeta) é mais conhecido, entre os ocidentais, conforme está narrado na Bíblia, no livro de Gênesis. Pretende o autor

¹Graduando em Psicologia pelo Unisal. Bolsista de Iniciação Científica da Fapesp, onde pesquisa sobre Simbologia, Psicologia e Religiões. Atualmente é estagiário de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

criar um elo entre as similaridades mitológicas e a possível existência de um repositório mítico comum a todos os seres humanos.

No terceiro capítulo o autor propõe um interessante estudo sobre as diversas interpretações para o mito. No caso, são elencados os estudos sobre a interpretação do mito como: arte e filosofia, ciência primitiva e história literal. Sem julgar quais interpretações são as mais corretas, Freund analisa cada uma com um olhar fenomenológico de um cientista, onde se volta também para o estudo de outros autores, como Freud, Frazer, Malinowski e Visco, que muito estudaram sobre os mitos e que apresentaram opiniões diversas de interpretação. Por exemplo: Freud vê os mitos como manifestações de inibições sexuais, ou seja, interpreta-o como uma fonte para sublimar o desejo reprimido que, por sua vez, se transforma em materiais oníricos exteriorizados através dos mitos e das religiões. Malinowski, um renomado antropólogo, repudiava completamente as teorias de Freud e acreditava num estudo sobre os mitos com uma visão mais cultural, necessário para o desenvolvimento social.

Continua o autor com outros exemplos de mitos mostrando notáveis semelhanças, como o mito hindu de Purusha que foi sacrificado pelos deuses, de cujo corpo morto surgiu o mundo, e o mito de sumério-babilônico de Marduk e Tiamat, onde o primeiro vence e mata Tiamat e com os membros de seu corpo cria o mundo. Comenta também sobre outros mitos que, segundo ele, através do desmembramento de um ser divino dá-se ocasião ao surgimento do mundo, a exemplo dos mitos de P'na Ku e Izana-gi. Os mitos do acasalamento entre céu e terra, onde o céu é masculino e a terra é feminina, também são comuns em culturas como dos gregos, personificados em Urano e Gaia, mas também se apresentam em culturas dos povos da Oceania e do Pacífico.

Os freudianos utilizam-se destes símbolos pelo seu conteúdo sexual simbólico, e vários desses mitos contêm relatos incestuosos, onde a Mãe se une ao Filho, ou ao Irmão ou Irmã, para gerarem a vida sobre a terra. Outro relato mitológico que chama a atenção dos freudianos é aquele onde, após a união dos casais divinos Terra e Céu, aparecem os filhos, ou os heróis culturais semidivinos que interferem de uma forma ou de outra na relação entre o casal divino. Freund exemplifica com o mito egípcio de Nut e Seb, que representam o casal céu e terra, mas que são separados por seu filho Shu-Heka, deus do ar. Outro modelo vem da Grécia, onde Cronos ataca e castra seu pai Urano. Esses mitos possuem similaridades com o postulado de Sigmund Freud no chamado Complexo de Édipo.

¹Graduando em Psicologia pelo Unisal. Bolsista de Iniciação Científica da Fapesp, onde pesquisa sobre Simbologia, Psicologia e Religiões. Atualmente é estagiário de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

No oitavo capítulo intitulado “O Verbo” encontram-se os mitos que contêm o tema da força da palavra falada, que se torna mágica. O mais famoso relato que os ocidentais reconhecem é o mito da criação bíblica onde é dito que “Deus é o Verbo”, mostrando a Palavra Divina como início de tudo. O mito egípcio do deus solar da manhã, Khepri, que se cria a si próprio proferindo seu nome, é outro protótipo. O Gilgamesh sumério relata que o Céu e a Terra foram separados porque o nome “homem” foi pronunciado, e tal mito aparece entre os judeus e, é claro, passa para os cristãos. Aos judeus - principalmente os da linha mística da cabala - é dito que Deus criou todo o universo através da palavra e das 22 letras do alfabeto hebraico, somando mais 10 emanções presentes no Sefirot.

O livro também fundamenta o estudo sobre a origem dos mitos através dos arquétipos propostos por Carl Jung. Este estudioso suíço postulou que os mitos, ritos e religiões da humanidade advêm do inconsciente humano que, quanto mais profundamente é explorado, menos singularidade apresenta, podendo esta falta de singularidade ser provada pelas semelhanças mitológicas presentes nas diversas civilizações. Admitindo este postulado junguiano, esta escola da Psicanálise professa que os mitos e as religiões, de um modo geral, fazem parte da estrutura social humana e coletiva, e que é amplamente saudável para o desenvolvimento de uma sociedade de modo geral.

O estudo dos mitos que professam a origem do mundo, sob um véu religioso, gerou a necessidade do estudo das mitologias em si, como surgem e por que surgem. Este estudo coube, sobretudo, à Antropologia, à Arqueologia e à Psicanálise, dentre outros ramos do conhecimento e que, juntos, ofereceram diversas e interessantes teorias sobre os antigos e atuais mitos. Após citar Jung, Freund estuda e argumenta sobre as opiniões de Freud sobre os mitos e religiões que, como se viu, era tido pelos freudianos como invenções e criações humanas para a repressão dos desejos sexuais. O mais famoso relato freudiano, que embasa suas opiniões, é o relato pautado nas religiões totêmicas que mistura símbolos e ingredientes mitológicos de homens, animais e plantas.

Nos capítulos subsequentes o autor retorna a investigação das mitologias e suas similaridades. Faz um paralelo histórico de como os símbolos, derivados destes contos mitológicos, foram se difundindo de cultura para cultura, de religião para religião, sobretudo para o cristianismo. Um aspecto interessante desta obra é a profundidade de

¹Graduando em Psicologia pelo Unisal. Bolsista de Iniciação Científica da Fapesp, onde pesquisa sobre Simbologia, Psicologia e Religiões. Atualmente é estagiário de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

erudição de Freund ao explorar os mitos, mesclando assuntos científicos com postulados, sobretudo de Freud, Jung e Campbell. Um espelho disto encontra-se no capítulo 13, “O Sacrifício do Deus” onde diversos mitos envolvendo o sacrifício da divindade, ora em favor de outros deuses, ora em favor da própria humanidade, são contrapostos às teorias freudianas apresentadas no livro “Totem e Tabu” onde se estuda o sacrifício do totem sagrado (geralmente um animal ou planta), que representaria a divindade, em favor do próprio clã.

É esta mistura entre estudos mitológicos e argumentos científicos de autores clássicos que fundamenta o trabalho de Freund.

O capítulo 14 é reservado aos estudos dos sonhos, baseados na presunção de que o simbolismo onírico seja a fonte de todos os mitos e símbolos. Freud e Jung demandaram, na questão dos sonhos, princípios semelhantes, mas com divergências. Para ambos, a linguagem onírica possui fortes indícios de temas mitológicos e simbólicos empregados em diversas religiões. Joseph Campbell, apresentado como o maior mitólogo do século XX, também apostou que os sonhos possuem uma forte raiz mitológica, e que os mitos podem e devem ser interpretados, na contemporaneidade, sobretudo de forma simbólica e psicológica.

As últimas páginas da obra são reservadas às teorias mais recentes para o início do universo, o que requer maior conhecimento de teorias científicas no campo da Física, Química e Biologia, tornando esses capítulos mais complexos e densos. Esta última parte, que aparenta distanciar-se dos estudos dos mitos, complementa todo o tema exposto até então. O autor resume rapidamente a história das ciências, e demonstra que nos primórdios todas as teorias científicas estavam atreladas aos mitos, criando um elo entre mitologia, ciência e desenvolvimento do conhecimento.

Verificar-se-ia na história que, antes do Renascimento, certamente todas as teorias sobre a criação do universo estavam à mercê de forças divinas e mitológicas, e tal panorama, só viria a se modificar nas épocas de Kepler, Copérnico e Galileu, entre outros, que “ousaram” a quebrar o antigo paradigma existente onde toda a explicação científica deveria redundar em torno de divindades e mitos. Com essa visão, Freund não pretende voltar atrás e rejeitar a importância dos estudos dos mitos, mas sim enfatizar a relação entre pensamento humano - científico ou não – e sua ligação intrínseca com os relatos mitológicos e religiosos que foram fundamentais para a constituição do que temos hoje em matéria de civilização.

¹Graduando em Psicologia pelo Unisal. Bolsista de Iniciação Científica da Fapesp, onde pesquisa sobre Simbologia, Psicologia e Religiões. Atualmente é estagiário de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. E-mail: marcel_symbols@hotmail.com

O autor usa uma linguagem simples - essencial para o público leigo, ainda não familiarizado com o tema.